

O Julgamento de Jesus Perante Pilatos (continuação)

(19:1–16)

O capítulo 19 marca a conclusão da narrativa da paixão¹. Este relato pode parecer uma tragédia, porém é uma vitória. Os judeus finalmente conseguiram o objetivo que se propuseram a cumprir em 5:18: matar Jesus. No entanto, devemos lembrar que Jesus não morreu meramente por causa do plano homicida dos judeus. Deus é soberano; ele tem o governo e a autoridade absoluta sobre todas as situações. Era plano de Deus desde a fundação do mundo que Jesus seria o Cordeiro morto no lugar dos pecadores (veja Apocalipse 13:8), incluindo as autoridades religiosas judaicas que orquestraram sua morte. O Senhor Deus está no controle e tem poder para usar o mal que os homens cometem para cumprir seus propósitos, mesmo quando os envolvidos não estão cientes dessa verdade.

JESUS AÇOITADO E ESCARNECIDO (19:1–3)

¹Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo. ²Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura. ³Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.

Versículo 1. Em 18:28–40, três cenas retrataram dramaticamente encontros de Pilatos com Jesus e seus acusadores. Primeiro, Pilatos interrogou os judeus (18:28–32) e depois interrogou Jesus (18:33–38a). Em seguida, declarou perante os judeus que Jesus era “inocente” de qualquer crime (veja

18:38b–40)². A tentativa do governador de libertar Jesus por meio do costume de soltar um prisioneiro na Páscoa não deu certo. A cena quatro do julgamento romano de Jesus começa com uma nova estratégia de Pilatos para libertar Jesus. **Pilatos** voltou ao pretório, onde estava **Jesus** e ordenou que ele fosse **açoitado**, na esperança de que essa ação evocasse compaixão e satisfizesse os desejos dos líderes religiosos. Tanto Pilatos como Herodes haviam examinado Jesus, e ambos o consideraram inocente das acusações levantadas contra ele pelos principais sacerdotes. “Portanto”, disse Pilatos, “após castigá-lo [παιδεύω, *paideuō*], ordenarei que seja solto” (Lucas 23:16; NAA). Parece que essa ação foi sugerida por Pilatos como uma alternativa à crucificação.

As narrativas de Lucas e João se diferenciam do que Mateus e Marcos registraram. Mateus e Marcos parecem colocar o açoitamento após a sentença de crucificação, como parte do castigo de Jesus (veja Mateus 27:26; Marcos 15:15), enquanto João não indica que a sentença já tinha sido anunciada. Tanto Lucas quanto João deixam implícito que o açoitamento era outra tentativa de libertar Jesus, mas Lucas não menciona que, de fato, houve esse açoitamento. João coloca o episódio (e Lucas, a ameaça) no meio do processo de julgamento. Parece que, de acordo com João, “Jesus não foi açoitado para ser crucificado, mas para escapar da crucificação”³. A suposta discrepância entre os três relatos levou alguns estudiosos a questionar se Jesus foi açoitado uma ou duas vezes e como foi esse açoitamento.

¹ As passagens bíblicas geralmente consideradas parte da paixão de Jesus (desde a agonia no jardim até o sepultamento) são Mateus 26:30–27:66; Marcos 14:26–15:47; Lucas 22:39–23:56 e João 18:1–19:42.

² Veja uma lista completa das sete cenas (18:28–19:16) nos comentários introdutórios sobre 18:28–40.

³ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Gospel*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961, p. 1243.

Na prática romana, havia três formas de disciplina corporal: o *fustigatio* (com varas), por infrações menores e acompanhada de uma severa advertência; o *flagelatio* (com chicotes), um açoitamento brutal por delitos mais graves e o *verberatio* (espancamento), a forma mais terrível de açoitamento. Esse tipo de açoitamento nunca era aplicado sozinho, sendo sempre acompanhado de outros castigos, como a crucificação. O açoitamento deve ser considerado uma das formas mais cruéis de tortura. A vítima era despida e amarrada a um poste ou outro objeto e espancada até que os torturadores se cansassem ou fossem detidos por um oficial superior. Para homens e soldados livres, usavam-se varas e bastões, respectivamente; mas para escravos o instrumento usado era um chicote composto de tiras de couro com pedaços de osso ou metal nas extremidades. Frequentemente, as vítimas morriam após açoitamentos tão violentos. A pergunta é: Qual foi o açoitamento que Pilatos sentenciou a Jesus em 19:1?

O “açoitamento” (φραγελλόω, *fragelloō*) mencionado em Mateus 27:26 e Marcos 15:15 provavelmente se referia ao *verberatio*, administrado à vítima não só para humilhá-la, mas também para enfraquecê-la e apressar-lhe a subsequente morte por crucificação. Essa punição não se encaixa na ideia de João e Lucas de que Pilatos considerou Jesus inocente, mas quis administrar alguma forma de punição para apaziguar os líderes religiosos antes de libertá-lo. Se o “açoitamento” (μαστιγώω, *mastigoō*) relatado em João 19:1 corresponde ao *verberatio* administrado aos sentenciados à pena de morte, é estranho que Pilatos tenha dito que ele não tinha motivo para condenar Jesus em 19:6. A. N. Sherwin-White provavelmente estava correto quando argumentou que o açoitamento ameaçado em Lucas 23:16 e registrado em João 19:1 foi o *fustigatio* romano, o açoitamento menos severo destinado a punir Jesus como um perturbador da ordem e, ao mesmo tempo, aplacar a ira dos judeus⁴. Nesse caso, Jesus recebeu um segundo açoitamento, o *verberatio*, após a sentença de crucificação ser pronunciada. Esse açoitamento apressaria a morte, o que era importante tendo em vista a proximidade do sábado (veja 19:31–33). Acredita-se que o sofrimento de Jesus decorrente desse açoitamento foi o que o impediu de aguentar levar a cruz até o local

da crucificação, embora o texto não afirme isto.

Versículos 2 e 3. Após o açoitamento, os **soldados** zombaram cruelmente de Jesus, praticamente dizendo: “Ele afirma ser rei; vamos tratá-lo como um rei!” Os guardas e outros já haviam zombado de Jesus durante o julgamento religioso (Mateus 26:67, 68; Marcos 14:65; Lucas 22:63–65), bem como Herodes e seus soldados (Lucas 23:11). A exemplo da narrativa de João, Mateus 27:27–31 e Marcos 15:16–20 relatam que os soldados de Pilatos zombaram de Jesus. Muitos estudiosos notaram que a **coroa de espinhos** não era tanto um instrumento de tortura, mas uma imitação grosseira das coroas reluzentes usadas por governantes que afirmavam ser seres divinos. Essa coroa provavelmente era feita de galhos de uma tamareira, com espinhos de até trinta centímetros de comprimento. Esses espinhos perfuraram o couro cabeludo de Jesus, causando sangramento e uma considerável dor. O **manto de púrpura** era uma vestimenta externa, como uma capa militar, usada por imperadores e oficiais militares igualmente; foi jogado em Jesus simulando um manto real (veja Mateus 27:28).

O escárnio dos soldados é vividamente retratado em 19:3 com o uso de três verbos no pretérito imperfeito traduzidos por **chegavam**, **diziam** e **davam**. Os soldados iam continuamente até Jesus dizendo: **Salve, rei dos judeus!** e dando-lhe **bofetadas** [ῥαπίσματα, *rhapismata*] (veja os comentários sobre 18:22, 23). Sarcasticamente, curvaram-se diante de Jesus cumprimentando-o com as saudações típicas de um imperador; porém, em vez de beijos de reverência, batiam nele vez após vez. Segundo Mateus 27:29 e 30 e Marcos 15:19, eles cuspiam em Jesus e lhe açoitavam com a cara que lhe colocaram na mão imitando um cetro. O relato de João sobre essa zombaria é muito mais breve do que os de Mateus e Marcos; no entanto, João esclarece que a acusação contra Jesus era que ele alegava ser rei – não o esperado rei messiânico dos judeus ou um rei político ameaçador, mas o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (veja Apocalipse 17:14; 19:16). Ironicamente, esses soldados, assim como os judeus fizeram em tantas ocasiões, sem saber, estavam declarando uma grande verdade.

JESUS APRESENTADO POR PILATOS (19:4–7)

⁴A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1963, pp. 27–28.

⁴Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho

nele crime algum.⁵ Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!⁶ Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum.⁷ Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus.

Versículos 4 e 5. A zombaria aconteceu dentro do Pretório. Embora o texto não diga isso, Pilatos presumivelmente testemunhou todo o escárnio dos soldados. Ele formulou uma nova ideia sobre como poderia libertar Jesus e, ao mesmo tempo, manter a aprovação dos judeus.

A cena cinco do julgamento romano mostra Pilatos indo até os judeus e dizendo: **Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum.** Não fica imediatamente evidente como o ato de apresentar Jesus significava que Pilatos não achava nele crime algum. Talvez nesta segunda declaração da inocência de Jesus (veja 18:38), Pilatos esperasse que o povo visse o estado lamentável de Jesus. Ele estava ciente de que o povo escolheria um homem para ser solto. Uma opção era Barrabás, culpado de roubo, assassinato e sedição. A outra possibilidade era Jesus, espancado, ferido e ensanguentado. Certamente, pensou ele, os judeus vão entender que o primeiro homem constituía uma ameaça à sociedade, devendo ser mantido preso e o segundo, no máximo um agitador inofensivo, que deveria ser solto.

Chamado por Pilatos, Jesus saiu de dentro do pretório trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura e segurando um cetro improvisado na mão direita (Mateus 27:29). Talvez movimentando o braço na direção de Jesus, disse-lhes Pilatos: **Eis o homem!** Guy N. Woods observou: “Essa exclamação sobreviveu à história como um tributo inconsciente e não intencional de Pilatos ao maior personagem de todos os tempos”⁵. Pilatos exibiu ao povo uma cena amplamente retratada na arte cristã. Ele tanto zombou de Jesus quanto ridicularizou os líderes judeus e seus seguidores. Em outras palavras, Pilatos disse: “Aqui está o homem que vocês consideram tão ameaçador para o bem público. Não veem que ele se parece mais com um

palhaço do que com um rei?” A descrição de João revela a ironia da cena: de fato, ali estava o Homem, o Verbo que se fez carne (1:14). Ali estava o Homem “que a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” (Filipenses 2:7). Ali estava o Homem que demonstrava sua glória divina na dor, no sofrimento e na humilhação. A multidão não conseguia ver que aquele era o Homem enviado por Deus para ser o sacrifício derradeiro por toda a humanidade.

Versículos 6 e 7. O apelo de Pilatos à compaixão da multidão não foi mais eficaz do que seus esforços anteriores. Em vez de cederem à ideia do governador, ao verem [Jesus], os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: **Crucifica-o! Crucifica-o!** Esta é a primeira vez que o verbo “crucificar” (σταυρόω, *stauroō*) aparece no registro de João. O grito era em favor da morte – geralmente de um escravo, uma morte sentenciada aos piores criminosos, uma morte executada pelo método mais cruel praticado pelos romanos. O fracasso de Pilatos levou-o a gritar de volta: **Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum.** “Tomai-o” é a repetição da sugestão registrada em 18:31 – exceto que agora Pilatos estava com raiva e repúdio, e acrescentou “crucificai-o”. Ele disse isso sabendo, assim como os judeus, que não tinham autorização para executar uma sentença de morte por crucificação. Ele também acrescentou pela terceira e última vez que não havia encontrado uma causa justa para dar a sentença de morte (veja 18:38; 19:4).

Os pronomes “vós outros” (ὁμεῖς, *humeis*) e “eu” (ἐγώ, *egō*) são enfáticos no texto grego, estabelecendo um contraste. Pilatos parecia dizer: “Eu não quero ter nada a ver com isso. Vocês mesmos que o façam”. O método de execução dos judeus era o apedrejamento; eles não podiam efetuar a crucificação. A declaração de Pilatos foi irracional e sarcástica, e poderia ser assim parafraseada: “Vocês o trouxeram para ser julgado por mim, mas não aceitam a minha decisão de que ele é inocente; então, se não me ouvem, crucifiquem-no vocês”.

Conforme já observado no capítulo 18, o reinado de Jesus era o foco dos líderes judeus. A tentativa de apresentar a alegação de Jesus de ser rei como uma acusação política de que ele representava uma ameaça a Roma não havia dado certo. Os judeus desistiram dessa tentativa de condenar Jesus à morte por traição contra Roma e retomaram sua real preocupação, a razão pela qual Jesus

⁵ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, p. 393.

foi condenado pelo Sinédrio. Reagiram à explosão de Pilatos afirmando: **Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus.** Com isso, o julgamento tomou uma direção totalmente diferente; pois os judeus mudaram a acusação contra Jesus para um crime que se enquadrava nos parâmetros das leis judaicas. Assim como Pilatos, que usa pronomes enfáticos, os judeus responderam: “[Nós] [ἡμεῖς, *hēmeis*] temos uma lei”. Referiam-se a uma lei específica da Torá, a lei contra a blasfêmia em Levítico 24:16:

Aquele que blasfemar o nome do SENHOR será morto; toda a congregação o apedrejará; tanto o estrangeiro como o natural, blasfemando o nome do SENHOR, será morto.

A acusação de blasfêmia foi a base para a condenação de Jesus nos julgamentos perante Caifás (Mateus 26:63–66; Marcos 14:61–64; Lucas 22:66–71).

A primeira menção da conspiração dos judeus contra Jesus em João afirma que eles desejavam matá-lo porque ele “dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (5:18; veja 10:33, 36). Naquela ocasião, os judeus não conseguiram obter uma sentença de morte com base nessa afirmação de Jesus, então eles tentaram matá-lo com base em sua afirmação de ser o Filho de Deus. A emissão da sentença de morte por crucificação cabia apenas ao governador (veja 18:31), porém Pilatos já havia declarado que a afirmação de Jesus de ser rei não era uma ameaça a nenhuma lei romana. Pilatos não estava interessado nas questões religiosas dos judeus; no entanto, eles agora o confrontavam com uma lei religiosa local, cuja violação resultava em morte. Como governador, ele era responsável por manter a lei e a ordem na província; por isso, era seu dever atender à acusação de que Jesus “a si mesmo se fez Filho de Deus”. Essa acusação finalmente esclareceu por que os principais sacerdotes e os fariseus estavam sendo tão ousados e inflexíveis ao exigir a morte de Jesus.

A “AUTORIDADE” DE PILATOS SOBRE JESUS (19:8–11)

⁸Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou, ⁹e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: **Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta.** ¹⁰Então, Pilatos o advertiu: **Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade**

de para te soltar e autoridade para te crucificar? ¹¹Respondeu Jesus: **Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.**

Versículos 8 e 9. Pilatos ouvindo a nova acusação dos judeus, **ainda mais atemorizado ficou.** A frase sugere que Pilatos já estava com medo, mas não há nenhuma referência anterior explícita a esse medo. Dada a hesitação de Pilatos para tomar decisões, é provável que ele tenha sentido medo no encontro anterior com Jesus. O motivo do medo de Pilatos não é informado no texto, sendo admitidas pelo menos duas possibilidades.

A primeira possibilidade é que o medo de Pilatos se baseava em superstição. A análise do caso de Jesus o convenceria de que o Nazareno não era um prisioneiro comum. Ele havia discernido que Jesus era um líder espiritual e talvez algum tipo de rei, embora não no sentido político. Ele tinha ouvido que o reino de Jesus “não era deste mundo” e que Jesus viera “para dar testemunho da verdade” (18:36, 37). Mateus 27:19 diz que a esposa de Pilatos o advertiu a não se envolver com Jesus porque ela, “em sonho, sofrera muito por causa dele” (NAA). Todos esses fatores intensificavam a natureza supersticiosa de Pilatos. Aos ouvidos romanos, saber que Jesus se denominara “o Filho de Deus” (19:7) evocava noções de um homem divino, alguém capaz de exercer poderes mágicos. Os pagãos geralmente pensavam, como no incidente em que Paulo curou um paraplégico de nascença em Listra, que “os deuses [poderiam] em forma de homens” “baixar até” a terra (Atos 14:11). Pilatos provavelmente pensava que, se Jesus fosse realmente o Filho da Divindade, ele poderia milagrosamente vingar-se da humilhação e do açoitamento que acabara de receber.

Uma segunda possibilidade é que o medo de Pilatos tivesse surgido de uma preocupação política. Desde que examinara Jesus e concluía que ele era inocente, Pilatos tinha feito várias tentativas para libertá-lo. Isso obviamente desagradou as autoridades religiosas, decididas a realizar seu plano homicida. Pilatos talvez temesse que os líderes judeus apresentassem um relatório a Roma indicando que um governador romano, cujo dever era respeitar os costumes religiosos locais, havia sido negligente. Quer fosse por motivos supersticiosos, quer por motivos políticos, Pilatos já estava com medo de Jesus quando chegou esse momento do

veredito.

Então, o governador **torn[ou] a entrar no pretório**. A cena seis do julgamento romano de Jesus começa com a tentativa de Pilatos de mitigar seu medo crescente com a pergunta: **Donde és tu?** De acordo com 19:4, Pilatos havia levado Jesus para fora do pretório, mas o texto não diz que Pilatos o levou de volta para dentro. Aparentemente, depois que Pilatos apresentou Jesus ao povo e enquanto eles clamavam por sua crucificação, Jesus foi levado de volta para o pretório. Esta cena é semelhante à segunda. Em ambas as situações, Pilatos voltou ao pretório a fim de interrogar Jesus. E essas duas cenas do julgamento romano são as únicas em que Jesus falou. Na primeira parte desta cena, é dito que **Jesus não deu resposta** à pergunta de Pilatos: “Donde és tu?” O silêncio de Jesus ao ser interrogado é mencionado em todos os Relatos do Evangelho⁶. O silêncio de Jesus durante seus interrogatórios cumpre a descrição de Isaías do Servo Sofredor (Isaías 53:7; veja 1 Pedro 2:22, 23).

A pergunta de Pilatos não buscava saber o local de nascimento ou residência de Jesus, pois ele já tinha algumas dessas informações (veja Lucas 23:6, 7). Depois de ouvir Jesus alegar que era o Filho de Deus, Pilatos estava essencialmente perguntando se Jesus era um ser divino ou um ser humano. Não está claro por que Jesus nada lhe respondeu. Talvez, porque Pilatos rejeitou Jesus sarcasticamente quando ele afirmou que dava testemunho da verdade, Jesus sabia que ele não tinha interesse algum em qualquer outra revelação da verdade. O mais provável é que Jesus sabia que Pilatos não seria capaz de compreender o que ele teria a dizer. Jesus e Pilatos pensavam em dois níveis diferentes; Jesus pensava em termos espirituais, ao passo que Pilatos pensava em termos materiais. Jesus e seu reino não eram deste mundo, ao passo que a mentalidade de Pilatos era exclusivamente deste mundo. Se Nicodemos e as autoridades religiosas não puderam compreender a origem de Jesus, como poderia esse romano secular, cheio de superstição, entender alguma coisa sobre a verdadeira origem de Jesus?

Versículo 10. O silêncio de Jesus incomodou Pilatos. Ele se irritou e ficou surpreso por Jesus não falar com ele e lembrou-lhe que ele tinha au-

toridade [ἐξουσία, *exousia*] **para soltar e autoridade para crucificar** Jesus. O poder de Pilatos, e de qualquer governador de Roma, limitava-se apenas a uma lei contra extorsão. “Um procônsul podia ser tão severo e arbitrário quanto quisesse, desde que não aceitasse dinheiro ou bens...”⁷ Flávio Josefo registrou que Copônio, o primeiro governador romano da Judeia (6–9 d.C.), tinha “o poder de [vida e] morte posto em suas mãos por César”⁸. Com uma só palavra, Pilatos podia soltar ou crucificar Jesus. Pilatos interpretou o silêncio de Jesus como uma demonstração de desrespeito para com um homem de posição ou falta de entendimento da extensão de seu poder.

Versículo 11. Jesus finalmente falou, informando a Pilatos que a **autoridade** dada a ele era um dom **de cima**. A autoridade a que Jesus se referiu era infinitamente maior do que a delegada pelo imperador romano; era “de cima” (ἄνωθεν, *anōthen*), isto é, de Deus no céu (veja 3:3, 27). A interpretação tradicional é que Jesus estava declarando em termos gerais a relação do estado secular com Deus, assim como Paulo fez em Romanos 13:1. Jesus declarou que ninguém poderia tirar-lhe a vida porque ele mesmo a estava entregando “espontaneamente” (10:18). Deus ordenou que houvesse poderes terrenos, porém ele é soberano; é ele que está continuamente no controle de todas as situações. A autoridade e o poder de Deus são absolutos. Pilatos recebera autoridade de Deus – autoridade até mesmo sobre a vida e a morte – mas somente porque Deus o permitiu.

Evidentemente, o fato de Deus ter permitido tudo isso não significa que ele aprovou o mal cometido por Pilatos ou pelos líderes judeus que lhe entregaram Jesus. “Governantes maus não são a vontade intencional de Deus, mas ele usa poderes terrenos para realizar seus propósitos e nenhum homem nem poder impede Deus de realizar sua vontade final.”⁹ As ações de Judas, dos judeus e de Pilatos não foram predeterminadas por Deus; todos eles poderiam ter agido de outra forma porque eram moralmente livres. Visto que suas decisões foram tomadas por livre vontade, eles cometeram um mal terrível. A soberania de Deus não diminui a responsabilidade deles; além disso, Deus não dependia das escolhas deles para cumprir seus pla-

⁶ Jesus ficou em silêncio perante os principais sacerdotes e todo o Sinédrio (Mateus 26:59–63; Marcos 14:55–61; veja Mateus 27:12), perante Herodes (Lucas 23:9) e Pilatos (Mateus 27:14; Marcos 15:5; João 19:9).

⁷ Sherwin-White, p. 3.

⁸ Flávio Josefo, *Guerras* 2.8.1 [117].

⁹ David L. Lipe, “Can God Be Lord of Evil Nations?” *Freed-Hardeman University Lectures* (2017), p. 70.

nos. Deus poderia ter cumprido seus propósitos por outros meios. No julgamento de Jesus, Deus estava realizando a sua vontade através das escolhas feitas por Pilatos e outros.

Jesus fez uma inferência baseada na alegação de que toda “autoridade” procedia “de cima”, quando disse: **por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.** Quem cometeu “maior pecado”? “Entregou” vem de παραδίδωμι (*paradidōmi*), e várias formas desse verbo foram usadas repetidamente para a traição de Judas (veja 6:64, 71; 12:4; 13:2, 11, 21; 18:2, 5). No entanto, Judas não foi indicado aqui por ter “entregado” Jesus a Pilatos; ele nem é mencionado desde a cena da traição no jardim (18:5). Além de Mateus 27:3–10, sobre o remorso de Judas, nada mais é dito sobre ele em nenhum dos Relatos do Evangelho após a traição (veja Atos 1:16–20, 25). Estava feita sua obra maligna.

Considerando que o mesmo verbo é usado duas vezes para a entrega de Jesus a Pilatos por parte dos líderes judeus (18:30, 35), parece que foram eles que tiveram “maior pecado”. No entanto, o particípio traduzido por “quem entregou” (ὁ παραδούς, *ho paradous*) está no singular; por isso a referência provavelmente é a uma pessoa. Tanto Pilatos como Caifás eram responsáveis pelo exercício de sua autoridade, mas havia uma diferença entre eles. Pilatos, como autoridade civil, estava agindo em harmonia com a autoridade dada por Deus para investigar uma acusação criminal contra Jesus. Caifás, embora, por direito, tivesse autoridade como sumo sacerdote, havia abusado dessa autoridade no exercício do sumo sacerdócio, uma instituição divina. Portanto, no que diz respeito a Caifás, Jesus estava essencialmente dizendo: “Porque lhe foi dada autoridade por Deus, você, que me entregou a Pilatos para ser julgado, tem maior pecado”. Embora Caifás fosse mais culpado do que Pilatos, por ter sido ele quem entregou Jesus a Pilatos, Jesus parecia dizer aqui que o pecado de Caifás era maior do que teria sido, se ele não tivesse recebido autoridade de Deus. Caifás, o sumo sacerdote, tirou vantagem de sua posição designada por Deus para realizar seu plano egoísta e perverso de crucificar Jesus.

AS ÚLTIMAS TENTATIVAS DE PILATOS DE SOLTAR JESUS (19:12–16)

¹²A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus clamavam: Se soltas

a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César! ¹³Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gabatá. ¹⁴E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei. ¹⁵Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César! ¹⁶Então, Pilatos o entregou para ser crucificado.

Versículo 12. A sétima e última cena do julgamento romano começa com repetidas tentativas de Pilatos de soltar Jesus. O verbo traduzido por **procurava** (ἐζήτει, *ezētei*) está no imperfeito, significando “estava procurando” e enfatizando que Pilatos empreendeu uma série de esforços **para soltar** Jesus. O texto não explica em que consistiram esses esforços. Independentemente das tentativas específicas que ele tenha feito, não há razão para pensar que Pilatos exonerou-se de qualquer culpa. Ele simplesmente não estava convencido de que Jesus era culpado de qualquer coisa que justificasse a morte, por isso tentou libertá-lo. O governador havia decidido que Jesus não era culpado de sedição e não estava interessado na acusação religiosa de blasfêmia.

Por que Pilatos relutou em proferir a sentença para crucificar Jesus? Essa hesitação talvez decorresse de suas inclinações supersticiosas, seu respeito pela coragem de Jesus ou qualquer outra coisa. Se ele tivesse mais coragem e caráter, essas virtudes poderiam ter libertado Jesus. Em vez disso, Pilatos cedeu ao plano homicida dos líderes judeus e, sem querer, contribuiu para o cumprimento do plano geral de Deus para a morte de Jesus.

Enquanto Pilatos estava prestes a anunciar a absolvição de Jesus, **os judeus** protestavam e clamavam contra ele: **Se soltas a este, não és amigo de César.** Este último argumento que os líderes judeus apresentaram a Pilatos enquanto exigiam a morte de Jesus foi um apelo aos temores do governador. A expressão “amigo de César” (φίλος τοῦ Καίσαρος, *filos tou Kaisaros*) veio a ser um título político oficial, embora alguns argumentam que isto só aconteceu no tempo de Vespasiano (69–79 d.C.).¹⁰ Na hipótese de Pilatos estar usando esse

¹⁰D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 609.

título, os líderes judeus estariam sugerindo que ele o perderia e sofreria punição severa. Na hipótese de usarem “amigo de César” num sentido não técnico, a declaração deles ainda tinha implicações políticas óbvias.

É fato histórico registrado que Tibério, o imperador reinante nessa época (14–37 d.C.), era mau, cruel, perverso e desconfiado de todo e qualquer indivíduo que pudesse ser uma ameaça à sua coroa. No seu reinado, a traição passou a configurar crime; e simplesmente ser acusado disso era o que bastava para justificar a pena de morte. A ameaça dos judeus de delatar Pilatos a César deve ter sido aterrorizante para ele. Pilatos certamente não queria ser submetido ao escrutínio de Roma e ter todas as suas deficiências sujeitas a uma investigação completa.

Como o imperador reagiria, se soubesse que um homem acusado de sedição fora absolvido por seu governador da Judeia? Sem dúvida, Pilatos seria visto como um apoiador e instigador de um criminoso conhecido, uma ameaça ao governo romano. Ele estaria acobertando alguém que **se faz rei**. Soltar esse indivíduo corresponderia a opor-se a **César**. Era realmente para ele temer esse tipo de acusação! Como é irônico o governador romano, em posse do mais elevado cargo de uma província romana, ser ameaçado de acusações de deslealdade ao imperador por líderes judeus que desprezavam os romanos e ansiavam pelo dia em que estes seriam expulsos de sua terra!

Versículo 13. Ouvindo Pilatos a ameaça dos judeus e sabendo das implicações dessa ameaça, tomou uma decisão quanto ao destino de Jesus. Ele não deu uma resposta aos judeus, mas começou a se preparar para finalizar o julgamento. Mesmo acreditando na inocência de Jesus, as palavras dos líderes judeus transcenderam qualquer noção que ele tinha de fazer justiça. Estritamente preocupado consigo mesmo, Pilatos **trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal**. O termo “tribunal” (βῆμα, *bēma*) refere-se a uma plataforma elevada na qual um oficial governante se sentava para desempenhar funções judiciais. Somente nesse versículo do Novo Testamento a palavra para “tribunal” aparece sem o artigo no grego. Isso provavelmente indica um local temporário e improvisado para os judeus por temerem ser contaminados se entrassem no pretório (veja 18:28). Nessas circunstâncias, Pilatos proferiu sua decisão publicamente, e não em particular. Jesus provavelmente estava em pé,

ao seu lado, enquanto ele se preparava para anunciar o veredito aos acusadores.

A cadeira do tribunal ficava **no lugar chamado Pavimento**. “Pavimento” é a tradução de λιθόστρωτος (*lithostrōtos*), que significa “pavimentado [com] blocos de pedra.”¹¹ **No hebraico**, o lugar era conhecido como **Gabatá**, que, provavelmente, indica um lugar elevado ou alto. Os estudiosos debatem qual seria a localização exata desse tribunal. Escavações descobriram uma área de pedras pavimentadas, medindo mais de mil e quinhentos metros quadrados que foi identificada como o pátio da fortaleza de Antônia. No entanto, os arqueólogos atuais dataram essa construção de pedra no segundo século d.C. Visto que os governadores romanos normalmente ficavam no palácio de Herodes, o “Pavimento” provavelmente ficava ali (veja os comentários sobre 18:28). Nesse lugar, Pilatos, o governador da Judeia, proferiu sua decisão judicial.

Versículo 14. Depois de mencionar o lugar em que a sentença de Jesus estava para ser proferida, João chamou a atenção para o dia e a hora em que Pilatos anunciou sua decisão. Tudo isso destaca a importância da ocasião. Muito se discute sobre o significado exato de **parasceve pascal** (παρασκευή, *paraskeuē*), ou “preparação da Páscoa” (NAA). Alguns defendem que o termo se refere ao dia imediatamente anterior à Páscoa, quando os preparativos estavam sendo feitos para a refeição da Páscoa. No entanto, como já foi observado, João (em harmonia com os escritores sinóticos) descreveu Jesus e seus discípulos comendo a refeição pascal na transição da noite de quinta-feira para o início da sexta-feira, após o pôr do sol (veja os comentários sobre 13:1). Além disso, todos os Relatos do Evangelho usam *paraskeuē* para se referir ao dia de preparação para o sábado, ou seja, sexta-feira (veja 19:31, 42; Mateus 27:62; Marcos 15:42; Lucas 23:54). Isso condiz com o testemunho de Flávio Josefo, de que os judeus não eram “obrigados a comparecer perante nenhum juiz no sábado, nem no dia da sua preparação, após a hora nona”¹². Sendo assim, deve-se entender que esse era o dia da preparação para o sábado (sexta-feira). Nesse caso, τοῦ πάσχα (*tou pascha*, **pascal**) não pode significar “relativo à re-

¹¹ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 596.

¹² Flávio Josefo, *Antiguidades* 16.6.2 [163].

feição da Páscoa”, e sim “relativo à semana da Páscoa”. O termo “Páscoa” pode se referir à refeição propriamente dita, ao dia da refeição da Páscoa ou à semana da Páscoa (incluindo o dia da Páscoa e a semana seguinte da Festa dos Pães Asmos)¹³.

João identificou a hora do dia em que Pilatos anunciou sua decisão final: **cerca da hora sexta** (ὥρα... ὥς ἕκτη, *hōra... hōs hektē*), que seria em torno do meio-dia, segundo a contagem judaica. Marcos 15:25 diz que Jesus foi crucificado na “hora terceira”, sendo que as trevas cobriram a terra na “hora sexta”, continuando até “a hora nona”, quando Jesus morreu (Mateus 27:45; Marcos 15:33; Lucas 23:44). A alegada discrepância entre o relato de João e o de Marcos tem sido explicada de várias maneiras.

1. Alguns dizem que o registro de Marcos usa o método judaico de contagem das horas, em que a hora terceira equivale às nove horas da manhã. João, por sua vez, teria usado o método romano de contagem das horas, que começava após a meia-noite. Isso faria “a hora sexta” corresponder às seis horas da manhã¹⁴. Neste caso, o fator tempo faria ser muito curto. Parece impossível que Jesus tenha sido levado a Pilatos ao nascer do dia, perto das seis da manhã (veja os comentários sobre 18:28), julgado, açoitado, escarnecido e sentenciado à cruz por volta das seis da manhã. Segundo Leon Morris, “parece não haver nenhuma evidência de que se usava o chamado método romano de contagem a não ser em questões jurídicas, como em arrendamentos”¹⁵.

2. Raymond E. Brown, embora discordasse da ideia, afirmou: “Alguns acreditam que Marcos estava contando em períodos de três horas, de modo que ‘a hora terceira’ poderia indicar o período iniciado na terceira hora, ou seja, entre nove e doze horas da manhã”¹⁶. Esta solução se baseia na premissa de que “a hora sexta” em João é meio-dia. Considerando que as cuidadosas informações de Marcos indicam o *início* de segmentos de três horas,

e não o *fim*, esta possibilidade não parece plausível: “logo pela manhã” (seis horas da manhã; Marcos 15:1), “a terceira hora” (nove horas da manhã; Marcos 15:25), “a hora sexta” (meio-dia; Marcos 15:33), “a hora nona” (quinze horas; Marcos 15:34) e “ao cari da tarde” (dezoito horas; Marcos 15:42).

3. Uma solução semelhante é que nem Marcos nem João estavam tentando ser exatos com relação às horas. Deve-se lembrar que, no primeiro século, não existiam relógios (com horas, minutos e segundos) como hoje; mediam-se as horas do dia por relógios de sol, os quais não eram precisos. Quando Marcos usou o termo “a hora terceira”, ele poderia estar indicando que era a metade da manhã, enquanto João, ao dizer “cerca da hora sexta”, poderia se referir ao fim da manhã, perto do meio-dia. No entanto, a flexibilidade sugerida aqui pode ser demasiada. João usou horas específicas em outros versículos de seu Evangelho, incluindo “a hora décima” (1:39) e “a hora sétima” (4:52).

4. Outra opção é que um antigo escriba do Evangelho de João teria, acidentalmente, alterado o numeral grego Γ (“três”) para F (“seis”)¹⁷. (Esses numerais aparecem em alguns escritos do primeiro século.) Bruce M. Metzger atribuiu essa explicação ao escritor cristão do terceiro século Amônio, seguido por Eusébio e Jerônimo. Metzger também observou que vários manuscritos diziam “cerca da hora terceira” (ὥρα... ὥς τρίτη, *hōra... hōs tritē*), mas ele explicou a variante como “uma tentativa óbvia de harmonizar a cronologia com a de” Marcos¹⁸. Todavia, essa explicação continua sendo uma opção viável. Pedro, bispo de Alexandria (300 d.C.), escreveu que a informação correta em João era “cerca da hora terceira”; ele alegou que as cópias corretas tinham essa informação, bem como o manuscrito original que foi preservado na igreja de Éfeso¹⁹.

Apesar de Pilatos ter levado “Jesus para fora” e “ter se sentado no tribunal” (19:13), ele não anun-

¹³ Carson, p. 606.

¹⁴ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 272.

¹⁵ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 708.

¹⁶ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (xiii–xxi)*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 883.

¹⁷ Esses caracteres podem ter sido usados como numerais nos manuscritos originais do Novo Testamento (que já não existem), enquanto as cópias de séculos posteriores têm os números escritos por extenso.

¹⁸ Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, p. 216.

¹⁹ Peter of Alexandria, *Fragments from the Writings of Peter 5.7* (*Ante-Nicene Fathers: The Writings of the Fathers Down to A.D. 325*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson. N.c.p.: Christian Literature Publishing Co., 1886; reimpressão, Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1994, vol. 6, p. 282).

ciou uma sentença como os judeus esperavam. De fato, João não contém nenhum registro de uma sentença oficial de Jesus. Em vez de descrever o crime passível de pena de morte do qual Jesus fora acusado de e assim anunciar a sentença de morte por crucificação, Pilatos provocou **os judeus**, dizendo: **Eis aqui o vosso Rei**. Pilatos sabia que só escaparia da cilada política em que se encontrava, se sentenciasse Jesus à morte. Ele, por assim dizer, vingou-se dos judeus, praticamente dizendo: “Vejam, aqui está o seu rei!” Pilatos convidou os judeus a reconhecerem que Jesus – que provavelmente ainda estava ao seu lado, açoitado e ferido, com uma coroa de espinhos na cabeça, um manto de púrpura nas costas e uma canção na mão – era o rei deles. Woods concluiu:

Anteriormente, ele havia dito: “Eis o homem!” (João 19:5); num esforço para suscitar compaixão da parte dos judeus; aqui, ele disse: “Eis aqui o vosso rei!”, na tentativa de que eles se envergonhassem de agir cruelmente naquele erro cruel da justiça.²⁰

Essas palavras de Pilatos podem ter sido um último apelo para que os judeus soltassem Jesus, porém esse recurso foi inútil. A ironia é que, embora Jesus não fosse um rei aos olhos de Pilatos, João sabia que Jesus era Rei. Como fez Caifás em 11:49–52, Pilatos falava mais verdades do que pensava. O Rei tão esperado pelos judeus estava diante deles, mas não o podiam ver.

Versículo 15. A multidão, enraivecida ao ouvir Pilatos, exclamou: **Fora! Fora! Crucifica-o!** (veja Mateus 27:22, 23; Marcos 15:13, 14; Lucas 23:21, 23). Em resposta, **Pilatos** replicou: **Hei de crucificar o vosso rei?** As palavras “vosso Rei” (τὸν βασιλέα ὑμῶν, *ton basilea humōn*) estão na posição enfática no texto grego, de maneira que Pilatos estava dizendo: “O vosso Rei, devo eu crucificá-lo?” Este foi o último apelo de Pilatos. A multidão já havia entrado em histeria coletiva a essa altura, e nada os satisfaria, exceto sangue. Não foi a multidão de judeus que respondeu a Pilatos, e sim **os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!** Essa resposta demonstra até onde eles estavam dispostos a ir para realizar o plano de destruir Jesus.

O reconhecimento dos líderes judeus de que César era seu único rei equivalia a negar: 1) a alegação do Antigo Testamento de que Deus era re-

almente o Rei de Israel (Juízes 8:23; 1 Samuel 8:7; 12:12), 2) a esperança messiânica de Israel e 3) Jesus e suas alegações de ser o Messias. Exigir a crucificação do Senhor Jesus indicava a que profundidade eles haviam descido com o intuito de executar o plano assassino. Esse dia, em que Jesus foi rejeitado entre os homens e crucificado, passou para a história como o momento em que a humanidade mostrou o cúmulo da hipocrisia. João escreveu no início de seu Evangelho: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (1:11). Esse fato nunca tinha ficado tão evidente no ministério de Jesus como nesse dia.

Versículo 16. Todos os esforços de Pilatos para soltar Jesus falharam. A multidão gritara: “Crucifica-o”. Os principais sacerdotes reconheceram César como seu único rei. Pilatos temia que, se soltasse Jesus, os judeus o acusariam de deslealdade a César. Ele não estava interessado no destino de um perturbador da ordem chamado “Jesus”. **Então, Pilatos o entregou para ser crucificado.**

Nem João nem os outros escritores dos Relatos do Evangelho registraram que Pilatos pronunciou uma sentença formal, mas ela está implícita no termo traduzido por “entregou” (παράδιδωμι, *paradidōmi*). O texto não informa claramente a quem Pilatos “entregou” Jesus. Fica subentendido que foi para os líderes judeus mencionados em 19:15. No entanto, os judeus não tinham autorização para crucificar ninguém; foram os soldados romanos que, de fato, crucificaram Jesus (19:23). Lucas 23:25 esclarece que Pilatos “entregou [Jesus] à vontade deles”. Os judeus tencionavam matar Jesus desde os fatos registrados no capítulo 5; por fim, visando satisfazê-los, Pilatos entregou Jesus à vontade deles. Sendo assim, Jesus foi entregue tal como os judeus pediram, e os soldados romanos o crucificaram. Mais tarde, Pedro diria em Atos 2:23: “sendo este [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós [os judeus] o matastes, crucificando-o por mãos de [romanos] iníquos”.

APLICAÇÃO

“Eis o homem!” (19:5)

A crucificação de Cristo é retratada em João 19. Usando a imaginação, vamos nos transportar para a hora e o local da morte do Senhor Jesus.

Os judeus acreditavam que haviam descoberto que Jesus cometera blasfêmia. Eles o levaram

²⁰ Woods, p. 398.

até Pilatos porque não tinham o direito legal de condená-lo à morte (18:31). Pilatos reconheceu a inocência de Jesus (18:38) e tentou encontrar uma maneira de soltá-lo. Seguindo o costume da Páscoa, ele ofereceu a libertação de um preso; deu ao povo a opção de escolher entre Jesus e Barrabás. Em resposta, os judeus pediram a libertação de Barrabás e clamaram pela crucificação de Jesus (18:39, 40; 19:6). Então, Pilatos mandou açoitar Jesus, presumivelmente com a esperança de que, quando os judeus o vissem açoitado, concluiriam que aquele castigo era suficiente e não mais exigiam sua morte (19:1-4).

Após o açoitamento, Pilatos colocou Jesus diante deles (19:5). Quando olhamos para Jesus em pé diante da multidão, com um manto de púrpura por cima dos ombros, uma coroa de espinhos espetando a cabeça e as costas ensanguentadas devido aos severos açoites, nossos olhos ficam marejados diante desse lamentável estado.

Entretanto, ver Jesus nesse estado não despertou compaixão alguma naqueles que o entregaram a Pilatos. Enfurecidos, eles gritaram: “Crucifica-o, crucifica-o!” (19:6). Por fim, Pilatos ordenou a crucificação de Jesus.

Aceitemos a provocação de Pilatos: “Eis o homem!” Na crucificação de Jesus, especialmente como consta em João 19, que tipo de homem vemos em Jesus? Neste capítulo quase tudo sobre a morte de Jesus é surpreendente. Ele morreu como um criminoso comum, mas em muitos aspectos sua morte não foi nada comum.

Uma morte por outros. Quando olhamos para Jesus durante seu julgamento e crucificação, o que vemos? Primeiramente, vemos um homem que foi severamente espancado e cujos açoites nos salvaram.

Era costume açoitar um criminoso antes de o crucificarem. Esse tipo de açoitamento era uma experiência terrível e agonizante. Um soldado batia diversas vezes nas costas do condenado com um chicote composto por diversas tiras, em cujas pontas havia pequenos pedaços de pedra ou vidro, que lhe rasgavam a pele. Na lei judaica, o número máximo de açoites era trinta e nove (Deuteronômio 25:3; 2 Coríntios 11:24), mas esse limite não se aplicava a um criminoso sentenciado à crucificação pelos romanos. O açoitado muitas vezes desmaiava de dor; eles o reavivavam e depois continuavam a açoitá-lo. Às vezes, ele acabava morrendo.

Vemos que Jesus foi açoitado não por ter co-

metido algum crime, mas em nosso favor. Fazendo alusão a Isaías 53:5, Pedro disse: “por suas chagas, fostes sarados” (1 Pedro 2:24). Os açoites que Jesus recebeu, de fato, eram para você e eu. Nós merecíamos o castigo; mas Jesus sofreu e morreu em nosso lugar. Ele não tinha pecado, mas morreu por outros – por você e por mim e pelo resto da humanidade (Isaías 53:4-6; Mateus 26:28; Romanos 5:8, 9; 1 Pedro 3:18). Porque Jesus morreu por nossos pecados, não temos que sofrer essa pena.

A morte de um rei. O que mais vemos em Jesus prestes a ser crucificado? Vemos um rei que foi crucificado como um criminoso comum.

Depois que Pilatos declarou Jesus inocente, os judeus fizeram uma acusação mais específica contra o Nazareno. A acusação anterior havia sido mais geral; eles o classificaram como um “malfeitor” (18:30). A esta altura, disseram: “a si mesmo se fez Filho de Deus” (19:7).

Essa acusação deixou Pilatos “ainda mais atemorizado” (19:8). Talvez ele acreditasse que Jesus era de fato algum tipo de deus em forma humana. Talvez ele reconhecesse a seriedade da acusação feita pelos judeus: a blasfêmia era um crime grave na ótica do povo de Deus. Pilatos percebeu que era impossível dissuadi-los e sabia que eles certamente lhe causariam problemas, se ele se recusasse a concordar com a vontade deles.

Pilatos falou com Jesus novamente. Desta vez, as palavras de Jesus o convenceram de sua inocência – e talvez de seu poder. Consequentemente, Pilatos se esforçou ainda mais para libertar Jesus (19:9-12).

As tentativas de Pilatos foram em vão. Nada impediria os judeus de atingirem seu objetivo. Apresentaram uma acusação ainda mais precisa: Jesus não só afirmou ser o Filho de Deus, mas também se declarou Rei (19:12).

Essa acusação forçou Pilatos a tomar uma decisão. Ele não podia correr o risco de libertar um homem que viesse a se opor a César reivindicando para si o trono. Por isso, Pilatos permitiu que Jesus fosse crucificado (19:13-16). Nisto, o governador de certo modo vingou-se dos judeus encenqueiros, identificando que Jesus era o rei deles. Ele descreveu Jesus como um rei, dizendo: “Eis aqui o vosso rei!” e “Hei de crucificar o vosso rei?” Os principais sacerdotes responderam: “Não temos rei, senão César” (19:14, 15). Então Pilatos mandou inscreverem “Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus” na placa colocada acima da cabeça de Jesus na cruz

(19:19, 20). Quando os líderes judeus lhe pediram para mudar os dizeres da placa, ele se recusou (19:21, 22).

No decorrer dessa conversa, nem Pilatos nem os judeus realmente acreditaram que Jesus era rei. Eles declararam uma verdade sem reconhecer que era verdade. Jesus veio à terra para ser Rei (18:37); depois que ele subiu ao céu, Deus o fez “Senhor e Cristo” (Atos 2:36).

Talvez a coisa mais surpreendente que vemos na cruz seja o Rei do reino de Deus, o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Apocalipse 19:16), morrendo da forma mais vergonhosa e dolorosa! A morte de Jesus demonstrou que ele não era um tipo comum de rei e que seu reino não era um tipo comum de reino. Jesus estava estabelecendo um reino espiritual.

Uma morte de acordo com o plano de Deus. O que mais vemos em Jesus na cruz? Vemos alguém sofrendo uma morte aparentemente causada por forças fora de seu controle, mas na realidade dentro do plano de Deus.

João estava preocupado em mostrar que a morte de Jesus cumpriu as Escrituras. Ele escreveu que os soldados lançaram sorte sobre a túnica de Jesus “para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes” (19:24; veja Salmos 22:18). Em 19:28, João escreveu: “Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!” (veja Salmo 69:21). Então, depois de explicar por que os ossos de Jesus não foram quebrados, João escreveu: “E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram” (19:36, 37; veja Êxodo 12:46; Salmos 34:20; Zacarias 12:10).

Por que João enfatizou que a morte de Jesus cumpriu as Escrituras? Ele queria mostrar que a morte de Jesus não foi acidental, nem resultou da vitória de Satanás sobre Jesus. Esses acontecimentos não ocorreram porque os sacerdotes judeus ou os soldados romanos eram mais fortes do que Jesus. A prisão, julgamento e crucificação de Jesus foram previstos e planejados por Deus. Tudo o que Jesus sofreu fazia parte do plano de Deus para a redenção do homem.

Alguns diriam mais tarde que Jesus não poderia ser o Messias e Rei porque foi crucificado, mas essa afirmação ignora a evidência de que a crucificação era parte do plano de Deus e que foi predita

no Antigo Testamento. Os judeus que entregaram Jesus para ser crucificado pelas mãos de homens iníquos o fizeram “pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (Atos 2:23).

A morte de um homem abnegado. Quando olhamos para Jesus na cruz, vemos um homem que, no processo de sofrer e morrer, parecia mais preocupado com os outros do que consigo mesmo.

Jesus confiou a João os cuidados com sua mãe (19:25–27). Por quê? Não sabemos todos os motivos por trás do ato de Jesus, mas sabemos que o pedido de Jesus demonstrava duas coisas.

Primeiramente, Jesus estava demonstrando seu amor pelos outros. Jesus passou a vida servindo ao próximo. Na hora de sua dolorosa morte, ele se preocupou com sua mãe. Pendurado na cruz, ele orou pelos que o crucificavam, dizendo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Jesus também havia dito a um dos ladrões crucificado com ele: “...hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43). Três dos sete brados ditos por Jesus enquanto ele estava na cruz eram em favor de pessoas.

Em segundo lugar, nesse ato Jesus também estava dando exemplo de como seus seguidores deveriam cuidar de outras pessoas – das viúvas em geral e de suas próprias famílias especificamente.

A morte de um ser humano real. O que vemos em Jesus na cruz? Vemos alguém que era Deus e, ao mesmo tempo, um ser humano.

No Evangelho de João, Jesus é apresentado primeiramente como “o Verbo” (1:1–4), ou seja, “a Palavra”. O Evangelho enfatiza do início ao fim que Jesus é “o Filho de Deus” (veja 20:30, 31). Ele é a Divindade; Ele é Deus.

Pode a Divindade realmente tornar-se humana? João 1:14 afirma que “o Verbo se fez carne”. Esse fato é afirmado na declaração de Jesus na cruz: “Tenho sede” (19:28). “Deus é espírito” (4:24), e um espírito não pode ter sede. Jesus, que teve sede, era tanto homem como Deus.

Uma morte que consumou a obra de Jesus. O que vemos quando olhamos para Jesus na cruz? Alguns podem pressupor que Jesus morreu sem nada realizar, porém, na cruz, ele mostrou que sua obra estava consumada. Disse Jesus: “Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (19:30).

O que estava consumado? A vida de Jesus, obviamente; porém mais coisas estavam também consumadas. Jesus queria dizer que sua missão estava cumprida. Morrendo, ele pagou o pre-

ço do pecado, venceu o diabo, tornou a salvação possível. Jesus venceu todos os obstáculos, todas as tentações. Morrendo, ele finalmente cumpriu o que veio fazer na terra. Ele venceu! Venceu o diabo, triunfou sobre o pecado, fez a vontade do Pai e conquistou a salvação para a humanidade. “Está consumado!” foi um grito de vitória.

Uma morte que inaugurou uma era de compromisso com Cristo. Vemos em Jesus prematuramente morto que sua morte poderia fazer seus discípulos se afastassem dele. No entanto, a morte de Jesus inspirou um novo compromisso em alguns de seus seguidores.

Jesus, sem dúvida, estava morto. Quando os soldados o examinaram, viram que não era necessário quebrar-lhe as pernas porque ele já estava morto. Como executores, cabia a eles verificarem se suas vítimas estavam mortas. Caso ainda houvesse vida em seu corpo, “um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (19:34). Jesus não poderia estar vivo depois desse procedimento.

José de Arimateia, um discípulo secreto, pediu o corpo de Jesus para sepultá-lo (19:38). Ele fez isso publicamente, deixando de seguir o Nazareno em oculto. Nicodemos, um dos líderes dos judeus, que antes fora ter com Jesus à noite – talvez para evitar ser identificado com ele – forneceu especiarias caras para ungir o corpo de Jesus e ajudou a sepultar seu corpo (19:39, 40). A morte de Jesus inspirou nesses dois homens a disposição de se comprometerem publicamente com sua causa. Anteriormente, eles haviam relutado em se posicionar a favor de Jesus; depois de sua morte, porém, tomaram uma nova resolução que os incitou a demonstrar lealdade de forma pública.

Existe alguma razão para seguir um Salvador crucificado? José de Arimateia e Nicodemos – que estavam lá quando Jesus morreu – acreditaram que sim. Se eles encontraram na crucificação de Jesus motivos para se comprometerem publicamente com Jesus, nós também podemos encontrar bons motivos.

Uma morte seguida de uma ressurreição. Jesus morreu e foi sepultado, mas não pôde ser detido por um túmulo. João 19 termina com o sepultamento de Jesus. O sepultamento foi importante porque nos permite constatar que Jesus estava realmente morto. No entanto, esse não era o fim da história. João 20 contém o registro da ressurreição de Jesus. O relato da ressurreição começa com o fato de que

o túmulo estava vazio (20:1–10). Jesus então apareceu aos seus discípulos (20:11–29).

A história de Cristo não termina com sua morte, por mais significativa que ela seja. O clímax da história de Cristo é a ressurreição. Sim, seguimos um Cristo crucificado – mas seguimos um Cristo crucificado que ressuscitou dos mortos. Ele é um Cristo vivo! Como resultado de sua ressurreição, temos esperança de que seremos ressuscitados dos mortos e teremos o privilégio de viver com ele eternamente.

Conclusão. Os eventos em torno da morte de Jesus apresentam muitos fatos surpreendentes:

Jesus foi severamente açoitado, mas por suas pisaduras somos salvos.

Jesus foi crucificado, mas sua morte foi um prelúdio à sua coroação como Rei.

Jesus talvez parecesse impotente ao ser açoitado e morto por inimigos, mas sua morte não foi uma derrota nem um acidente; fazia parte do plano de Deus.

Perto de morrer, ele se preocupou mais com outras pessoas do que consigo mesmo.

Jesus era Deus; mas ele também era um ser humano, capaz de ter sede como qualquer outra pessoa.

Parecia que a vida dele estava acabando prematuramente, sem nenhuma realização duradoura; mas foi da cruz que ele disse triunfalmente que, naquele ato, ele estava consumando a sua obra.

Depois que Jesus morreu, quando parecia que tudo pelo que ele vivera estava perdido – e mesmo quando alguns discípulos o abandonaram em desespero – sua morte inspirou um novo compromisso em alguns que antes não o seguiam publicamente.

Jesus foi sepultado; mas o sepulcro não pôde conter-lo, pois ele ressuscitou no terceiro dia.

Jesus nem sempre se alinha com as ideias preconcebidas das pessoas. Ele não era o Messias que os judeus esperavam e pode não ser o tipo de Salvador que muitos buscam hoje.

Quais são suas crenças a respeito de Jesus? O que você fará a respeito dessas crenças? É hora de encarar os fatos surpreendentes sobre Jesus, aquele que morreu por você, e assumir uma posição pública em favor dele!

Coy Roper